



Moção de Louvor ao Historiador João José Reis, contemplado com o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu conjunto de obra, destacando-se os estudos sobre a escravidão no Brasil.

A Academia de Letras da Bahia, em reunião realizada em 13 de julho de 2017, aprovou, por unanimidade, Moção de Louvor ao Historiador João José Reis, contemplado com o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu conjunto de obra, destacando-se os estudos sobre a escravidão no Brasil.

Como professor titular do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia, aposentado, e pesquisador do CNPq, foi no espaço desta Instituição que João José Reis produziu a obra historiográfica premiada, destacando-se no cenário nacional e internacional pelos estudos sobre a escravidão no Brasil. Embora tenha se dedicado também a outros temas, a sua vasta bibliografia - livros, artigos, capítulos em coletâneas etc - é uma referência para a compreensão da história da escravidão no Brasil, principalmente no século 19. Destaca-se *A rebelião escrava no Brasil; a história do levante Malês de 1835*, editado pela primeira vez em 1986, pela Brasiliense, e reeditado pela Companhia das Letras, em 2003 (665p). Ao longo do livro, o historiador apresenta os aspectos mais relevantes da revolta, mostrando como o Levante pertence à tradição de rebeliões escravas na Bahia, naquele período, sendo a rebelião mais grave e a última delas.

João José Reis apresenta sua leitura do Levante dos Malês como uma combinação de luta religiosa, étnica e de classe, ousando interligar elementos inconciliáveis para outros historiadores sobre o tema. Por sua vez, a fonte principal de Reis é o mergulho nas declarações dos envolvidos nos processos de luta. Ouvir as fontes e dar voz às pessoas que participaram dos conflitos é uma singularidade da História desse proeminente pesquisador. Personagens anônimos, geralmente não individualizados, em seus textos são nomeados, expõem a sua subjetividade, não são peças passíveis da máquina escravista. João Reis não adota os critérios de objetividade exigida pelos positivistas. Sua História é escrita com paixão, curvando-se, todavia, às evidências que encontra nos arquivos.



Pode-se considerar João Reis como um dos estudiosos de uma historiografia dos micropoderes do cotidiano colonial. Em *A morte é uma festa* (Companhia das Letras), livro com o qual foi contemplado com o Prêmio Jabuti de Literatura, Reis evidencia como os escravos desenvolveram uma sabedoria política, conquistando esferas de negociações no interior da sociedade. *A morte é uma festa* trata das práticas funerárias da população, focalizando uma revolta ocorrida em 1836, em Salvador, quando a população destruiu o cemitério do Campo Santo, que tinha acabado de ser inaugurado. A riqueza dessa obra, dentre tantos outros aspectos, reside na constante referência à diversidade étnica e socioeconômicas, expondo as diferentes formas através das quais os baianos vivenciaram a economia religiosa.

No conjunto de obra desse Historiador, merecidamente contemplado com o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, a escravidão foi o processo mais profundo da História do Brasil e deixou marcas indeléveis na sociedade que teve seus fundamentos na escravatura. A partir dessa perspectiva, João Reis reflete sobre a complexidade de outras formas de opressão no Brasil contemporâneo, como a situação degradada de detentos nas prisões, na maioria negros, vivendo em exíguos espaços prisionais como nas antigas senzalas; quilombolas assassinados; massacre sistemático dos índios; tráfico de trabalhadores sexuais; pessoas submetidas a trabalho de escravos, nas zonas rurais, e também urbanas. Nesta perspectiva, a precariedade da cidadania que hoje se espalha pelo Brasil, segundo o historiador, é filha da desigualdade social e racial, vinculando-se assim ao passado escravista.

O conjunto de obra premiado é monumental!

Significativamente, o Prêmio Machado de Assis é concedido ao historiador João José Reis no ano em que a Academia Brasileira de Letras completa 120 anos de existência. E Machado de Assis, como outros fundadores da prestigiosa Instituição – como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio - lutaram contra a escravidão.



Pelo exposto, a Academia de Letras da Bahia vem prestar esta justa homenagem ao Historiador João José Reis, reconhecendo o extraordinário valor de sua obra. Este reconhecimento levou à Academia de Letras da Bahia a conferir o Prêmio Conjunto de Obra ALB/Eletrogóes 2014 a João José Reis. Através desta Moção de Louvor aprovada por unanimidade em reunião de 13 de julho de 2017, a Academia de Letras da Bahia reafirma este reconhecimento, confirmando a importância desse conjunto de obra para conhecer o passado escravista, com espanto e perplexidade, e para entender também a dimensão do pesadelo que circunda a nossa contemporaneidade.

Que seja dado conhecimento desta moção ao Historiador João José Reis, à Reitoria da Universidade Federal da Bahia e à Academia Brasileira de Letras.

Salvador, 24 de julho de 2017


Evelina Hoisel

Presidente da Academia de Letras da Bahia